

11/2
eh

1º ul
2º n



MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

TEMA: A EXPANSÃO DA ALEMANHA NO COMÉRCIO INTERNACIONAL
NA DÉCADA DE 80

ORIENTADOR: PROF. OCTÁVIO DE BARROS

ORIENTANDO: FERNANDO SCHULTZ LACERDA GUIMARÃES
RA: 87 0418

BANCA: PROF. RINALDO BARCIA FONSECA

1991/4

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
INSTITUTO DE ECONOMIA
UNICAMP

CEDOC/IE

AGRADECIMENTOS:

Com carinho, ao apoio dos mestres Otávio de Barros, orientador, e Rinaldo Fonseca, banca. À compreensão dos amigos Luciana e Aparecido e nossa grande amizade. Ao amor de Jacqueline e minha família. À amizade dos funcionários do Instituto.

"De 1945 à 1948, l'Allemagne, écrasée et écartelée entre ses vainqueurs, donne une impression de misère et de chaos. La population urbaine, sous-alimentée, loge encore parfois dans les caves ou les anciens abris, le marché noir fleurit, la cigarette tient lieu de monnaie; près de 5 millions d'hommes ont péri. La production compromise et les ponctions des Alliés n'empêchent pas le relèvement, observable à l'Ouest dès la réforme monétaire de juin 1948. Commence alors une brillante expansion, marquée par une augmentation moyenne du PNB de 9% dans les années 50. C'est ce contraste qui fît naître l'expression de 'miracle'."

(Hubert Néant)

INTRODUÇÃO

A República Federal da Alemanha iniciou a década de 80 com um fraco desempenho de sua balança comercial, queda de demanda interna e uma grande recessão.

O segundo choque do petróleo (1979) foi o determinante maior dessa posição negativa, que atingiu não só a Alemanha, como a maioria dos países desenvolvidos. A solução adotada para amortecer os efeitos do choque do petróleo, na maioria dos casos, foi a adoção de políticas econômicas recessionistas, baseadas principalmente no aumento da taxa de juros interna.

Com a Alemanha não foi diferente, resultando, já no ano de 1980, uma queda da taxa de crescimento do PNB e, nos dois anos seguintes, a queda do PNB, caracterizando assim uma recessão. Há, na sequência, o aumento da inflação e do desemprego, amparados pelo aumento das taxas de juros domésticas.

Diante deste quadro, as projeções gerais do desempenho da economia alemã na década de 80 não eram nada favoráveis.

A partir de 82, entretanto, as exportações da RFA voltam a crescer (acompanhando o movimento geral do comércio mundial), compensando a queda da demanda interna e gerando, ininterruptamente, superávits cada vez maiores na balança comercial.

O atual trabalho se situa neste contexto, procurando decifrar quais os principais fatores que não só permitiram à Alemanha

a recuperação, a partir de 82, do desempenho de suas exportações, como também permitiram uma maior participação no comércio mundial, mesmo face ao acirramento da concorrência internacional, representada principalmente pelo Japão, EUA e NICs asiáticos.

A unificação das duas Alemanhas, em 1989, alterou a evolução de alguns indicadores econômicos que já incorporam a unificação. Assim sendo, é um tanto comum neste trabalho que algumas análises sejam interrompidas em 1988, antes, portanto de acabar a década. Quando isso acontecer, cabem duas explicações: os indicadores incorporavam a unificação, o que enviesaria a análise e, por isso, não foram compilados; são dados ainda não disponíveis.

RESUMO CRONOLÓGICO DOS PRINCIPAIS FATOS DA HISTÓRIA E DA ECONOMIA ALEMÃ

- 1807 abolição da escravidão na Prússia.
- 1818 unificação de todas as tarifas aduaneiras na Prússia.
- 1834 entrada em vigor do Zollverein.
- 1835 circulação do primeiro trem entre Nuremberg e Fuerth.
- 1857 aprofundamento do Zollverein pela união monetária.
- 1871 proclamação do Império Alemão e adoção do marco como moeda imperial.
- 1879 primeiras medidas protecionistas.
- 1884 início da colonização alemã na África.
- 1889 lei sobre seguro-velhice (aposentadoria aos 70 anos).
- 1895 abertura do canal de Kiel.
- 1905 importantes greves dos metalúrgicos e mineiros.
- 1916 o "programa Hindenburg" reforça a estatização da economia.
- 1921 o montante das reparações da guerra é fixado em 132 bilhões de marcos-ouro.
- 1923 ocupação do Ruhr pelo exército francês.
- 1924 Inglaterra e Estados Unidos apóiam os esforços de estabilizar a moeda (Plano Dawes).

- 1929 Plano Young: o peso da Reparações é substancialmente reduzido.
- 1933 os sindicatos se fundem no "Front du Travail".
- 1934 início da construção das autoestradas.
- 1936 plano quadrienal orienta para as indústrias de guerra.
- 1946 desmantelamento da indústria pesada alemã.
- 1948 reforma monetária.
- 1949 um bilhão de dólares de ajuda à RFA (Plano Marshall);
Erhard é o Ministro da Economia da RFA.
- 1950 a República Democrática da Alemanha (RDA) adere ao Comecom.
- 1951 na RDA o primeiro Plano quinquenal prioriza a indústria pesada.
- 1960 conclusão da socialização da agricultura na RDA.
- 1970 o 100000000 "fusca" (coccinele) sai da linha de montagem da Volkswagen.
- 1986 a RFA se torna o primeiro exportador mundial.
- 1989 ocorre a reunificação alemã.

CAPÍTULO I : BREVE HISTÓRICO DO PÓS-GUERRA À CRISE DO SISTEMA MONETÁRIO INTERNACIONAL (SMI)

A Alemanha, no dia seguinte à Guerra, era um país semi-destruído, principalmente a infraestrutura de comunicação e o setor energético. No entanto, ao contrário do que se imagina, as instalações industriais propriamente ditas foram destruídas numa proporção de 10% a 15% (7).

A política de desindustrialização e a divisão do país foram mais mutilantes à Alemanha do que a própria Guerra. Os países vencedores (EUA, Grã-Bretanha, França, URSS) desmontaram as máquinas e o material que equipavam as grandes fábricas alemãs, para instalarem em seus próprios parques industriais.

Paradoxalmente, a política de desindustrialização, adotada pelos países vencedores em relação à Alemanha, acabou por beneficiá-la. Quando os EUA entenderam a importância geo-política da Alemanha, no tocante à sua posição fronteiriça com os países comunistas, adotaram a política de a Alemanha ser um país com capacidade de resistência, criaram o Plano Marshall. Esse Plano significou uma injeção de grande quantidade de recursos financeiros na Alemanha, o que permitiu a reconstrução de todo o parque industrial e energético, o que foi feito sobre novíssima base tecnológica. Isso significa que, enquanto a França, Grã-Bretanha e mesmo os EUA, passavam pela fase de modernização tecnológica de

suas indústrias, de forma progressiva, a Alemanha pôde recomeçar tendo a mais moderna estrutura industrial.

Pelo lado financeiro, assistiu-se a reforma monetária, levada a cabo em 1949, com a criação do Deutschemark e, anteriormente, do Banker Deutscher Laender. Esses fatos permitiram a retomada do comércio internacional e a estabilidade da própria moeda.

A década de 50 se caracteriza pelo rápido e regular crescimento do PNB (fase que se caracterizou como o "milagre alemão"), arrastado basicamente pelo desenvolvimento da indústria pesada e pela indústria de bens de equipamentos. Nos anos 60, o crescimento econômico se caracteriza pelo subemprego da mão-de-obra, queda dos custos salariais e tendências inflacionárias.

A crise do Sistema Monetário Internacional, que permitiu a valorização da moeda alemã (1969), favoreceu a economia ao gerar uma balança comercial positiva e a diminuição dos custos dos produtos importados. Mais importante, permitiu que a Alemanha atravessasse o período de confusão do SMI - que culminou com a suspensão pelos EUA da convertibilidade do dólar em ouro, em 1971 - sem acusar fortes impactos, e permitiu, também, que a Alemanha já surgisse como uma das principais peças no tabuleiro da economia mundial e no novo SMI que emerge - a "serpente monetária" (8) em 1972 e o Sistema Monetário Europeu (SME), em 1979.

CAPÍTULO II : A DÉCADA DE 70

Ser considerada novamente, em fins da década de 60, como uma das principais potências industriais na economia mundial significa o reconhecimento do mérito pelo qual a Alemanha fez juz.

Como potência mundial, no entanto, a economia alemã apresenta, na década de 70, um desempenho considerado fraco, principalmente o seu crescimento no período, em relação às décadas de 50 e 60.

Segundo Laplane (1), "o dinamismo e o bom desempenho exportador da indústria foram fatores fundamentais no crescimento da economia alemã nos anos 50 e 60", e a "progressiva perda de dinamismo da atividade industrial", segundo o autor, é o elemento responsável pelo crescimento lento da economia na década de 70. Essa perda de dinamismo tem 3 causas principais:

- . desaceleração do comércio internacional;
- . crescente concorrência dos produtos japoneses e dos NICs asiáticos;
- . valorização da moeda alemã no período.

Além desse três fatores, a década de 70 é caracterizada por dois choques de petróleo, em 1973 e 1979, que afetaram negativamente os países industrializados.

A Alemanha, como tal, não escapou dos efeitos perversos do aumento do preço do petróleo, acusando um crescimento próximo a

zero em 74 e negativo em 75 (ver tabela 1). Há também o crescimento da taxa de desemprego, que atinge patamares mais elevados após cada choque do petróleo (ver gráfico 1).

O desempenho positivo da economia nessa década foi puxado pelas exportações que, mesmo com o primeiro choque do petróleo, apresentou uma participação média relativa ao PNB de 22.7% de 74 a 80, contra uma média de 19.5% nos três primeiros anos da década (ver gráfico 2). No entanto, o crescimento absoluto das exportações não significa ganho de mercados externos, o que pode ser observado no gráfico 3. Este gráfico mostra a participação relativa da Alemanha nas exportações mundiais, que diminuiu após 73 e com uma breve recuperação em 78, mas fechando a década com a menor participação do período, apresentando perdas de partes de mercados externos.

Essa perda de mercados externos pode ser, em parte, explicada pela valorização da moeda alemã (deutschemark - DM) frente ao dólar (ver gráfico 4), o que torna as exportações alemãs mais caras frente as exportações norte americanas.

Por outro lado, a forte concorrência dos produtos japoneses e dos NICs asiáticos, conseguem alguns mercados externos da Alemanha, principalmente nos setores de manufaturas tradicionais (textéis, principalmente), e também em alguns "setores chaves" (2).

Com o auxílio do texto de Laplane, é possível definir que os setores de máquinas e equipamentos, química básica, siderurgia, produtos metálicos e equipamentos de precisão, embora superavitários, perderam progressivamente espaço para os produtos japoneses. A indústria têxtil perde dinamismo já no início da década (gráfico 5). Em contrapartida, a indústria de equipamentos de transportes, veículos, eletrônica e química fina aumentaram suas participações relativas no período, graças, principalmente, às adaptações tecnológicas ocorridas no interior dessas indústrias, em resposta ao acirramento da concorrência internacional. É importante salientar a participação do Estado nesse processo de reestruturação industrial, pela importância do setor externo na economia, chamado de "o motor do crescimento" (3), criando um "Estado subsidiário e sua política industrial"(4), que atua no mercado através de políticas fiscal, monetária, setorial e social:

- . dá respaldo político e apoio financeiro, fomentando a P&D, essencial ao processo de reestruturação industrial;

- . absorve, a curto prazo, os custos sociais gerados pela própria reestruturação, via seguro desemprego e outros benefícios sociais, o que "garante a subsistência da mão de obra desocupada pela expulsão tecnológica do núcleo central da industrialização" (5);

atua diretamente via aportes financeiros às indústrias, principalmente aquelas com grau de tecnologia avançado, em dificuldades - caso da Volkswagen no fim da década de 70.

Observa-se ainda com relação às exportações da Alemanha que, na década de 70, foram incrementadas aquelas com destino a países exportadores de petróleo (no gráfico 6, pertencem aos quadros C e D). Em contrapartida, perderam espaço as exportações para os países da Europa, EUA, Canadá (quadros A e B). Esta compensação se explica pelo aumento dos preços do petróleo, o que obrigou a Alemanha a aumentar a sua conta de petróleo (na época, a Alemanha importava mais de 50% da energia consumida internamente) (6), o que acabou por gerar um maior poder de compra nos países exportadores de petróleo, permitindo que importassem mais da própria Alemanha (ou seja, houve uma melhora rápida nos termos de trocas desses países, o que, em parte, compensou o maior gasto de energia pela Alemanha).

CAPÍTULO II : A DÉCADA DE 80

Essa década é normalmente dividida, para efeito de análise econômica/financeira, em duas: até 1985 e após 1985. Essa divisão é feita em função da política econômica adotada pelos EUA, conhecida como "Reaganomics", que causou turbulências financeiras em todo o mundo.

A primeira fase da Reaganomics, chamada de "diplomacia do dólar forte" (7), foi caracterizada pela valorização da moeda norteamericana, entre 80 e 85. Quando se tornou insustentável essa primeira fase da Reaganomics e seus subseqüentes megadéficits na balança comercial dos EUA, a saída foi abandonar a diplomacia do dólar forte e decidir qual a melhor forma de desvalorizar o dólar: "hard lending" ou "soft lending". Começa, então, a segunda fase da Reaganomics.

Este capítulo será dividido em duas partes: até 85 e após 85.

1- Até 85

O início da década de 80 é tão conturbado quanto o da década de 70. Se antes os problemas se situavam na órbita monetária - implosão do SMI até então existente - e na órbita tecnológica/produtiva - o chamado esgotamento do "padrão de crescimento e a correspondente trajetória tecnológica" (8) - e agravados pelo primeiro choque do petróleo em 73, os problemas da década de 80 foram resultados dos ajustes macroeconômicos implantados pelos países capitalistas na solução daqueles problemas. Ou seja, a crise do início da década de 80 é a extensão da própria crise do início da década de 70.

Os EUA eram o principal importador no comércio mundial e, por isso, se tornaram uma das principais peças na determinação da dinâmica da economia internacional. A partir do segundo choque do petróleo, que provocou de imediato uma alta nas taxas de juros internacionais, os EUA adotaram a política cambial da diplomacia do dólar forte, onde se promoveu uma valorização do dólar da ordem de 50% entre 80 e 85 (gráfico 7), que tinha como objetivo "não apenas para fechar a brecha da balança de pagamentos, mas também para reverter a decadência financeira norteamericana no cenário mundial" (9). Estas medidas, tomadas pelos EUA, tiveram impactos diferentes nos distintos países. Porém, provocaram um movimento de caráter recessivo global. O impacto seguinte na cadeia se dá com a crise da dívida externa dos países periféricos, que gera

uma crise bancária internacional.

Segundo Conceição Tavares, a partir da crise bancária, o governo alemão optou por um ajuste de longo prazo, onde o "objetivo estratégico foi a retomada do empuxe exportador a partir de segmentos industriais tecnologicamente competitivos e de empresas financeiramente sólidas, cuja relação com os bancos era facilitada por uma taxa de juros interna baixa e estável" (10). Ou seja, os superávits comerciais aumentariam as reservas internacionais do banco central, que induziria os bancos privados a uma política de crédito barato, que viabilizaria o investimento e a reestruturação tecnológica, fazendo da Alemanha o líder natural da integração europeia.

O segundo choque do petróleo em 79, como já foi visto, gerou uma recessão a nível mundial, amparada pelo aumento das taxas de juros do banco central americano. Diante disto, a Alemanha apresenta uma queda do crescimento em 80, crescimento negativo em 81 e lenta recuperação em 82. A demanda externa foi o elemento fundamental da economia, principalmente na recessão (80, 81 e 82), onde a demanda interna real teve um crescimento negativo e as exportações reais apresentaram taxas de crescimento positivas, à exceção de 83, onde a demanda interna puxa o crescimento do PNB (fato que ocorreu apenas em 75 e 79) (tabela 2).

O crescimento positivo das exportações reais nos anos de 80 a 82 é explicado pelo aumento das exportações da Alemanha para a

maioria de seus parceiros comerciais. No entanto, esse desempenho não significa, a exemplo do que já ocorreu na década de 70, ganho de mercados externos, já que, comparado à participação da Alemanha nas exportações mundiais (gráfico 8) - que apresenta uma queda em 80 - deduz-se que esta participação se manteve estável. A discrepância entre o crescimento real das exportações e a não conquista absoluta de mercados externos é explicada pela variação cambial no período, onde o dólar em 83 já foi valorizado 3/4 da valorização total a ser atingida em 84 (ver novamente gráfico 7) e, a despeito dessa rápida valorização da moeda norteamericana, é observado um aumento nos preços de exportações da Alemanha (gráfico 9).

O crescimento negativo das exportações reais em 83 é explicado, em grande parte, por menor exportação da RFA aos países da OPEP (em 82 as exportações foram de DM 38,0 bilhões, contra DM 31,5 bilhões em 83 [tabela 3], o que significa uma variação negativa de 17%), refletindo diretamente a queda, em valores, registrada nas importações dos países da OPEP pela Alemanha, resultado também direto da queda do preço do petróleo (em 82 as importações alemãs dos países da OPEP foram de DM 32,8 bilhões, contra DM 27,2 bilhões em 83, indicando a mesma variação negativa de 17%).

O desempenho negativo com os países da OPEP vem contrabalançar o desempenho positivo das exportações da Alemanha com os

países da Europa. Houve, no caso, perda de alguns mercados externos, em 83, em relação ao ano anterior, o que pode ser explicado pela queda dos preços de importação vis a vis o aumento de preços de importação (gráfico 9). Isso significa que, para grande parte dos países que exportaram para a Alemanha, o que foi vendido conseguiu comprar menos que anteriormente - ou seja, uma melhora nos termos de troca da Alemanha (gráfico 10) contra uma queda nos termos de troca dos países que exportaram para a Alemanha.

Em 1984, o desempenho positivo das exportações reais (9%) também não significou ganho absoluto de mercados externos. Os países da OPEP diminuíram ainda mais suas importações da Alemanha (12%) e, em contrapartida, os EUA apresentaram um crescimento na ordem de 42%, em relação ao ano anterior, nas suas importações da Alemanha, enquanto que o incremento do conjunto dos países da Europa (OCDE total) foi de 16%. No entanto, no gráfico 11, se observa uma leve redução da participação relativa da OCDE nas exportações da Alemanha. Isso se explica pelo fato das importações americanas, em termos relativos, cresceram mais que proporcionalmente às importações relativas da OCDE. Ou seja, por mais uma vez se constata que não houve ganho absoluto de novos mercados externos, mas sim ganhos relativos (no caso, o mercado interno norteamericano). É importante observar, também, que houve um aumento nos preços de exportação da Alemanha, acompanhado de um aumento mais que proporcional dos preços de importação (ver novamente o

gráfico 9), o que representou uma queda nos termos de troca da Alemanha.

Após 85

Com relação aos produtos exportados, observamos que o período entre 80 e 88 mostra mudanças na composição das exportações (graf 12). Em 80 as máquinas (sem máquinas elétricas) ocupavam o posto de produtos mais exportados pela Alemanha. Mas já em 82, e durante toda a década, os veículos (sem veículos aquáticos) assumem esta posição. Outra diferença visível é o crescimento acentuado das exportações de produtos eletroeletrônicos e químicos;; os produtos que apresentam menor crescimento, são os têxteis e siderúrgicos. Em relação ao crescimento dos valores exportados, em 80 e 88, observa-se que o maior crescimento se dá nos automóveis (95%), produtos eletrotécnicos (inclusive máquinas elétricas) 876%), química e produtos químicos (71%), têxtil (63%), máquinas e equipamentos (60%) e, por último, a siderurgia (25%) (tabela 4).

Conforme mostra Laplane, a composição setorial do valor da produção da indústria de transformação da Alemanha apresenta uma nova estrutura em 87 (em relação a 80) (tabela 5), que reflete o processo de "especialização no interior d's indústrias" (14). Há avanço dos setores de montagem (variação positiva de 21%) e na indústria gráfica (variação de 3,4%); recuo nas indústrias de processamento e tradicionais. No entanto, o exame mais detalhado mostra que, no setor de montagem, as indústrias de materiais de transporte e automobilística, máquinas e equipamentos elétricos e

produtos metálicos, tiveram uma variação positiva acentuada e as indústrias de máquinas e equipamentos não elétricos e instrumentos de precisão tiveram variação negativa e variação abaixo das médias das indústrias do setor, respectivamente. Nas indústrias de processamento, há um recuo médio de 12,9%, com maior recuo das indústrias de papel e celulose, química e metalurgia. Esclarece Laplane, no entanto, que a vitalidade da indústria química compensou em parte a contração da siderurgia.

É possível relacionar esta análise complementar à variação na composição das exportações da Alemanha na década de 80 (página anterior) e deduzir que os setores que avançaram no processo de especialização (automobilística, química, materiais de transporte, produtos eletrônicos e máquinas elétricas) foram os setores com maior variação positiva na composição das exportações. Ou seja, o processo de reestruturação ocorrido nesses setores, tornou-os mais competitivos, permitindo a conquista de mercados externos, como mostra o gráfico 13.

Na tabela 6, observamos que os países que apresentem maior crescimento absoluto nas importações da Alemanha são o Japão (231%), os EUA (126%) e a Europa (77%). É possível, então, uma nova dedução: os novos mercados externos conquistados pela Alemanha, entre 80 e 88, são os de seus principais concorrentes e Europa. Nesta última, os produtos alemães contam com uma proteção relativa da Comunidade Econômica Européia.

Em contrapartida, ao analisarmos o crescimento das importações da Alemanha no mesmo período, vemos que o crescimento das importações feitas pela Alemanha no Japão foi de 171%, nos EUA de 12 e na CEE de 43%. Isso mostra que o Japão teve uma compensação menos que proporcional dos mercados internos que perdeu para a Alemanha, compensação esta que se deu no próprio mercado alemão, enquanto a CEE mostra uma taxa de crescimento das exportações para a Alemanha em torno da metade da taxa de crescimento das exportações desta para aquela. Já os EUA não conseguem, até 89, uma maior penetração de suas importações na Alemanha, a despeito da desvalorização do dólar.

Continuando no caminho oposto, vemos na **tabela 7** que as maiores variações na composição das importações da Alemanha se deram nos produtos automóveis (109%), produtos eletrotécnicos e máquinas elétricas (97%), máquinas e equipamentos (92%), produtos químicos (72%) e têxtil (43%).

Relacionando a taxa de crescimento dos produtos exportados e os importados, entre 80/88, vemos que, em todos os principais produtos, a Alemanha teve crescimento positivo em todos eles, significando, num primeiro momento, um grau crescente de penetração de importações de produtos dos setores os quais a Alemanha teve uma maior especialização. Esse fato pode ser minimizado pela análise da evolução da taxa de câmbio (**gráfico 14**), que mostra a valorização da moeda alemã frente ao dólar, tornando

os preços dos produtos norte americanos mais baratos frente ao alemães, aumentando o grau de penetração desses produtos. Também a análise da evolução dos termos de troca (gráfico 15) da Alemanha, que mostra em 88 seu ponto máximo a década, o que significa o aumento da capacidade de importar da Alemanha, tendo o mesmo resultado do fator anterior (nesses dois gráficos dividiu-se as importações correntes por 1000, para que ficasse mais visível a correlação entre os dois fatores comparados).

CONCLUSÃO

O desempenho da Alemanha no comércio mundial foi frágil na primeira metade da década de 80 e apresentou um rápido crescimento a partir de 85, por mais paradoxal que isto possa parecer. Nesta, assim, uma hipótese inicial que considerava a evolução da taxa de câmbio (desvalorização do marco) um fator determinante do arranque do setor exportador. Entretanto, como foi visto, no período em que ocorre a valorização do dólar frente ao marco (a partir de 81 até 85, em função da política adotada pelos EUA, denominada "diplomacia do dólar forte"), as exportações alemãs em relação às exportações mundiais não apresentam crescimento positivo. A explicação para esta "contradição" reside em:

- . crescente preço de exportação dos produtos alemães (embora inferior ao crescimento dos preços de importação);
- . a queda do preço do petróleo derrubou a capacidade de importar dos países produtores, que demandaram menos da Alemanha.;
- . os exportadores alemães preferiram perder mercados externos a reduzir seus lucros (veja a rigidez dos preços de exportação dos produtos alemães);
- . contração do mercado mundial, derivado de uma recessão de caráter global;

O desempenho "contraditório" continua na segunda metade da década, após 1985 e com o fim da "diplomacia..." e o início da "soft lending" do dólar frente ao marco, principalmente, levando este a se valorizar quase 100% no período 84-88. A participação da Alemanha nas exportações mundiais, que entre o período 80-85 acusa uma média de crescimento de 9,3% , no período 86-88 essa média sobe para 11,5% (variação de 23,6%). Os fatores que explicam essa nova "contradição" são:

- . pequena queda nos preços de exportação dos produtos alemães (embora acompanhada de uma queda brusca dos preços de importação, trazendo uma melhora significativa nos termos de troca).
- . os exportadores flexibilizaram suas taxas de lucros;
- . maior competitividade do produto alemão, resultado de uma crescente especialização de alguns setores chaves da economia;
- . maior dinamismo do mercado mundial.

Embora as hipóteses iniciais terem sido satisfeitas, cabe uma autocrítica por não ter se levado em conta que a evolução das exportações da Alemanha tem duas fases distintas durante o período analisado, sendo que o primeiro período (80-85) nega uma das premissas do argumento inicial, que houve bom desempenho das exportações - e, como vimos, esse desempenho inicial é frágil e bastante aquém do imaginado (em termos reais e em relação às exportações mundiais, já que em termos absolutos há, de fato, um crescimento a partir de 82).

Neste estudo foi possível apreender um pouco o caráter da reestruturação da indústria alemã, iniciada no final da década de 70 e levada a cabo ainda na primeira metade da década de 80. O principal objetivo e resultado desta reestruturação foi o aumento da competitividade do produto alemão, que propiciou o arranque das exportações a partir de 85, a despeito de uma valorização rápida do marco frente ao dólar. Em termos globais, a partir já do primeiro choque do petróleo, há um declínio nas indústrias de ferro e aço, uma redução da participação relativa da produção de máquinas elétricas em termos de produto, ainda que apresente um incremento em termos de valor agregado (maior produtividade, menor produção), um aumento da participação relativa das indústrias químicas, um contínuo incremento na participação das indústrias de equipamento de transportes. Essas mudanças, fruto do processo de reestruturação cristalizou setores mais ou menos fortalecidos: o núcleo central (química, automobilística, eletrotécnica e construção de máquinas), setores declinantes (construção naval, têxteis e madeira) e as novas tecnologias (eletrônica e a biotecnologia).

A participação do Estado (o que Dominguez chama de "Estado subsidiário") no processo de reestruturação se mostra ativa, através de "políticas fiscal, monetária, setorial e social", como já citado, concedendo subsídios e oferecendo recursos para a inovação e aplicação em P&D.

Se a reestruturação trouxe, num primeiro momento, solução para o problema do crescimento negativo da população alemã, por outro lado não conseguiu resolver o problema do desemprego que atinge o país, estável na faixa de 9%, se reduzindo apenas no final da década.

A reestruturação foi positiva, como vimos, ao permitir ganho de mercados externos mesmo num momento de acirramento da concorrência internacional, nos setores de alta tecnologia. Outro fator importante à manutenção dos mercados alemães, principalmente na Europa, é a confiabilidade no produto, a qualidade do serviço de pós-venda e o respeito ao prazo de entrega.

No que toca ao protecionismo, existe uma maior incidência de alguma forma de proteção (tarifária ou não tarifária) em relação a setores intensivos em mão-de-obra e matérias-primas primárias, como também à agricultura e setores extrativistas. No entanto, o protecionismo alemão é menor que de seus parceiros europeus.

O que tem favorecido os produtos alemães são as regulamentações da Comunidade Econômica Européia, representando uma proteção efetiva aos produtos alemães contra os japoneses e americanos, além de representar, a CEE, cerca de 70% das exportações da Alemanha.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) LAPLANE, Francisco M. - A reestruturação da indústria alemã na década de 70, mimeo, out. 89, pg 1.
- (2) Idem, ibidem, pg 5.
- (3) DOMÍNGUEZ, Ricardo M. - Concentración, intervencionismo y desempleo: la reconversión en Alemania Federal, mimeo, (s.d.), pg 208.
- (4) Idem, ibidem, pg. 209.
- (5) Idem, ibidem, pg. 214.
- (6) ROEMER, Karl ett alli - Tatsachen ueber Deutschland, dez. 85, pg. 83.
- (7) CONCEIÇÃO TAVARES, Maria da - Reestructuración industrial y politicas de ajuste macroeconomicos en los centros, la modernización conservadora, mimeo, jun. 90, pg. 8.
- (8) SUZIGAN, Wilson - Reestruturação industrial e competitividade: nos países avançados e nos NICs asiáticos: lições para o Brasil, mimeo Unicamp, (s.d.), pg.7.
- (9) CONCEIÇÃO TAVARES, Maria da , op. cit., pg. 5.
- (10) Idem, ibidem, pg. 21.

BIBLIOGRAFIA

- BEYER, Rolf A. - *Deutschland heute: politik - wirtschaft - gesellschaft*
f. Berl. Publishers Ltd, New York, 1986.
- CONCEI(???)
- DOMÍNGUEZ, Ricardo M. - *Concentración, intervencionismo y desempleo: la reconversión en Alemania Federal*, in: *El sistema internacional y América latina. La tercera revolución industrial. Impactos internacionales del tercero viraje tecnológico.* mimeo, (s.d.)
- LAPLANE, Mariano F. - *A reestruturação da indústria alemã a partir dos anos 70*, mimeo Unicamp, out. 89
- LAPLANE, Mariano F. - *A reestruturação industrial nos EUA, no Japão e na Alemanha nos anos 80*, mimeo Unicamp, mar. 90.
- NÉANT, Hubert et alli - *Dictionnaire d'histoire économique, de 1800 a nos jours*, ed. Hatier Paris, 1988.
- ROEMER, Karl et alli - *Fatsachen ueber Deutschland*, ed. Gesamtherstellung Mohndruck Betribe GmbH, Guetersloh Gedruckt, 1985.
- SUZIGAN, Wilson - *Reestruturação industrial e competitividade nos países avançados e nos NICs asiáticos: lições para o Brasil*, mimeo Unicamp, (s.d.).

- SUZIGAN, Wilson - *Tendências atuais da reestruturação do sistema produtivo internacional*, mimeo Unicamp, jan. 83.

Periódicos

- Bundesministerium fuer Wirtschaft - Die wirtschaftliche lage in der Bundesrepublik Deutschland, monatsberichte 10.89

- Bundesministerium fuer Wirtschaft - Leistung in zahlen 88, n. 38. ed. Bundesmimmisterium fuer Wirtschaft, Bonn, 1989.

- International Financial Statistic - international Monetary Fund, jan. 84, nov. 88, jan. 91.

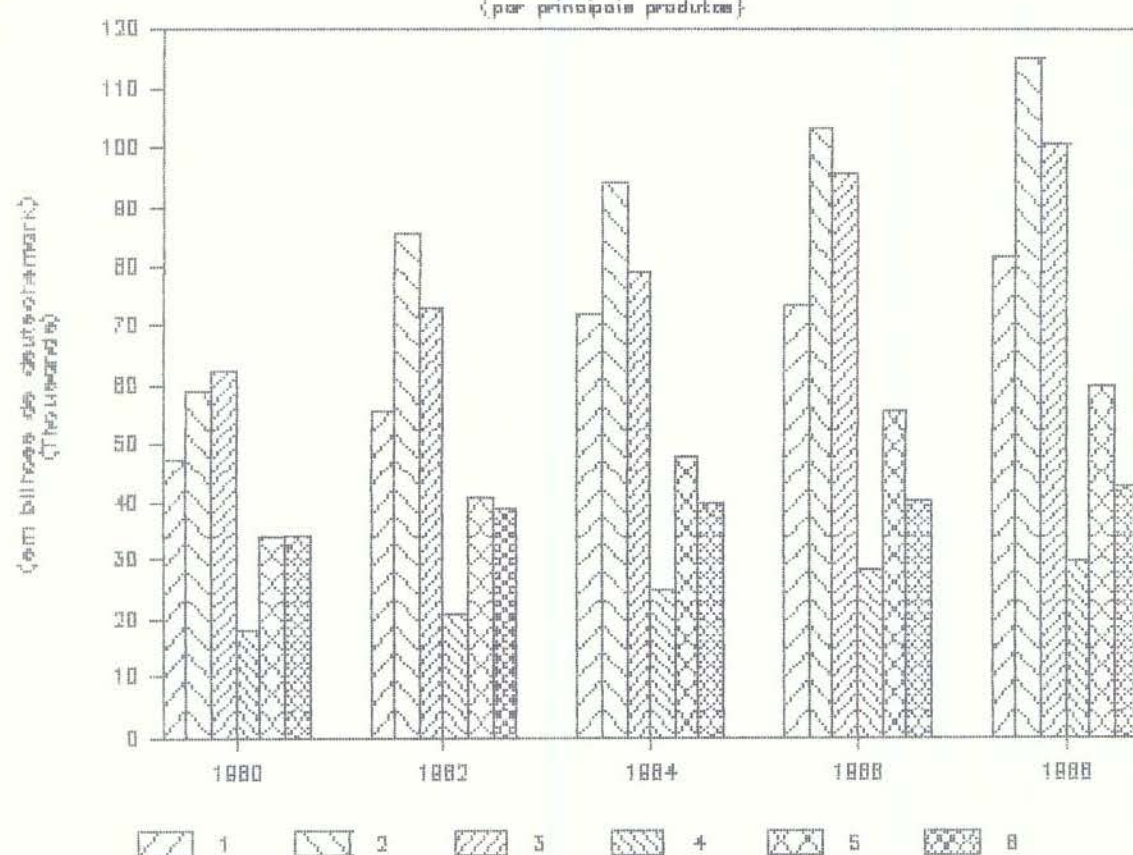
- National Accounts Statistics: main aggregates and detailed Tables, United Nations, 1982.

- OCDE études Economiques: Allemagne, 1986/1987.

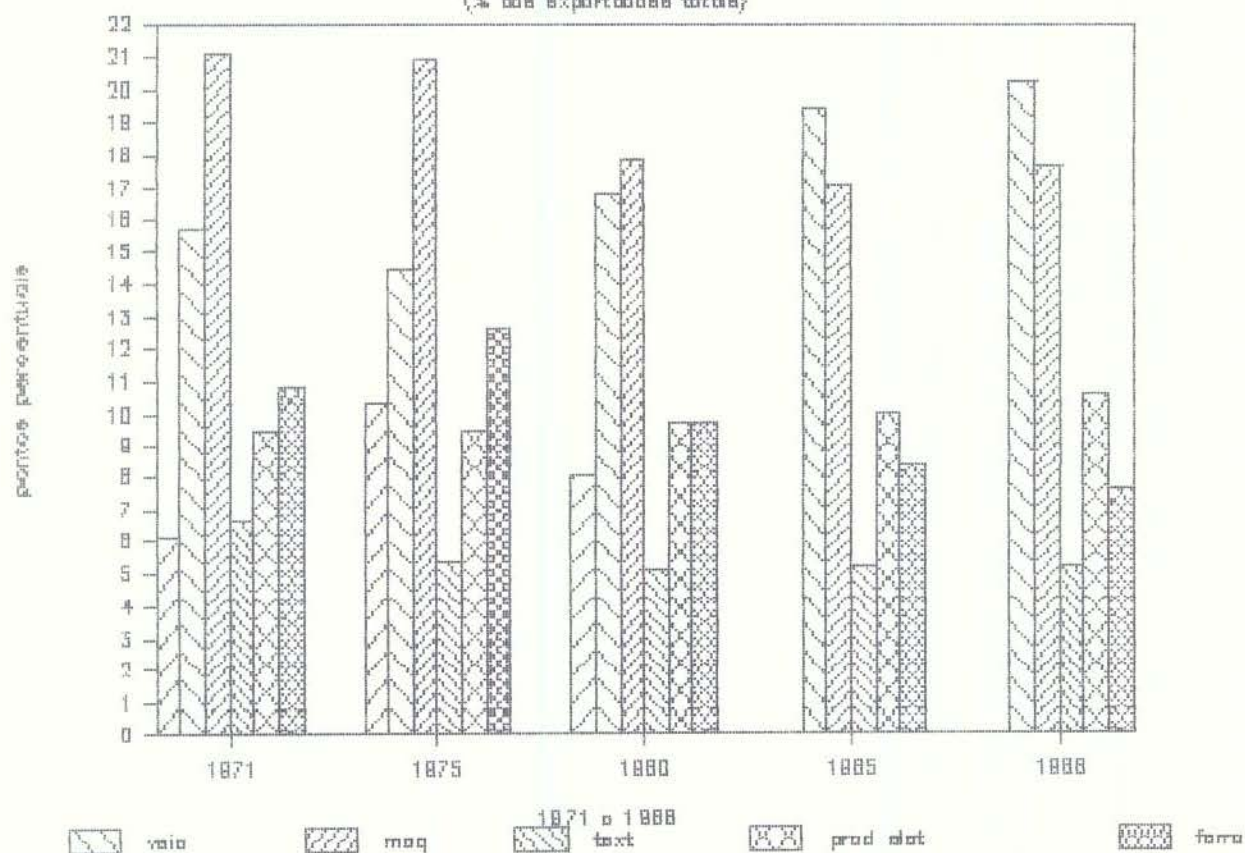
- OECD Economic Surveys: Germany, 1987/1988, 1988/1989, 1990/1991

- OECD Main Economic Indicators - 1964-83.

Composicao das Exportacoes da RFA (por principais produtos)

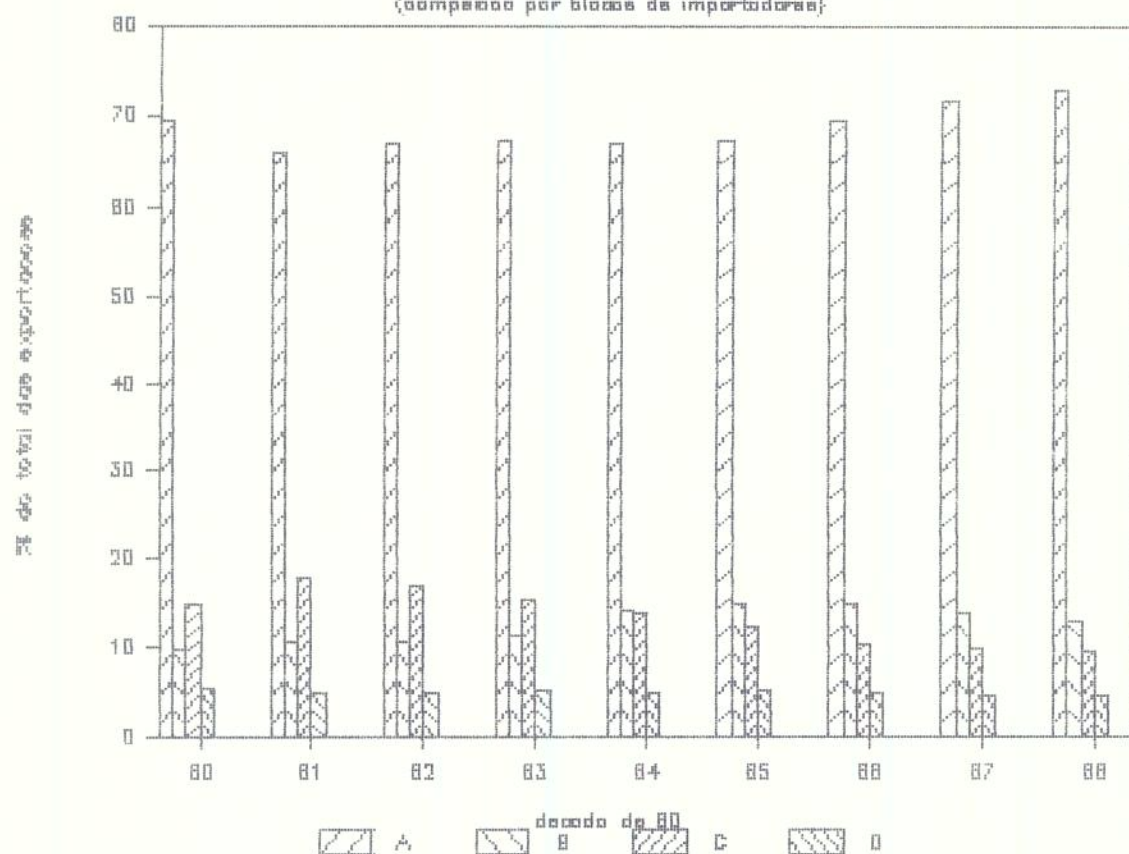


Composicao das Exportacoes da RFA
(% das exportacoes totais)



Exportações da RFA

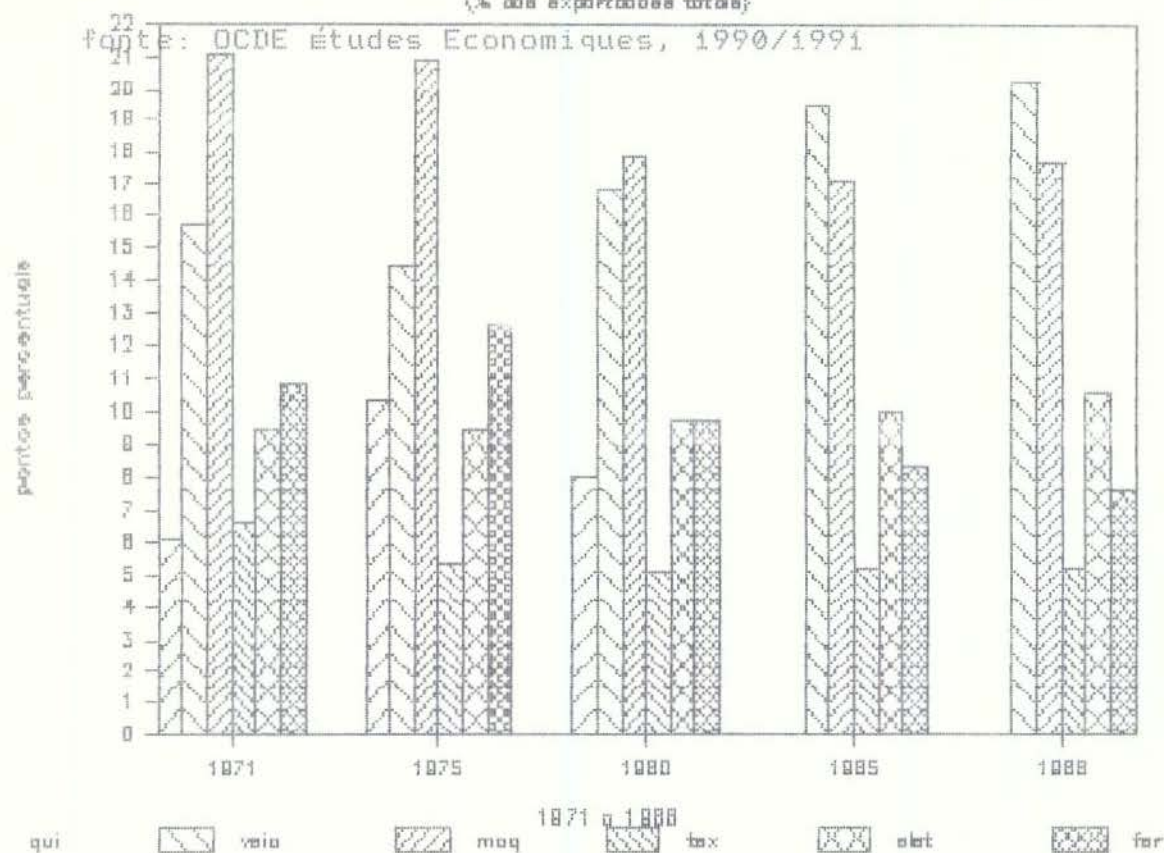
(comparação por bloco de importadores)



Composicao das Exportacoes da RFA

(% das exportacoes totais)

fonte: OCDE Etudes Economiques, 1990/1991



Participação da RFA no Comércio Mundial

(a preços de mercado)

participação percentual

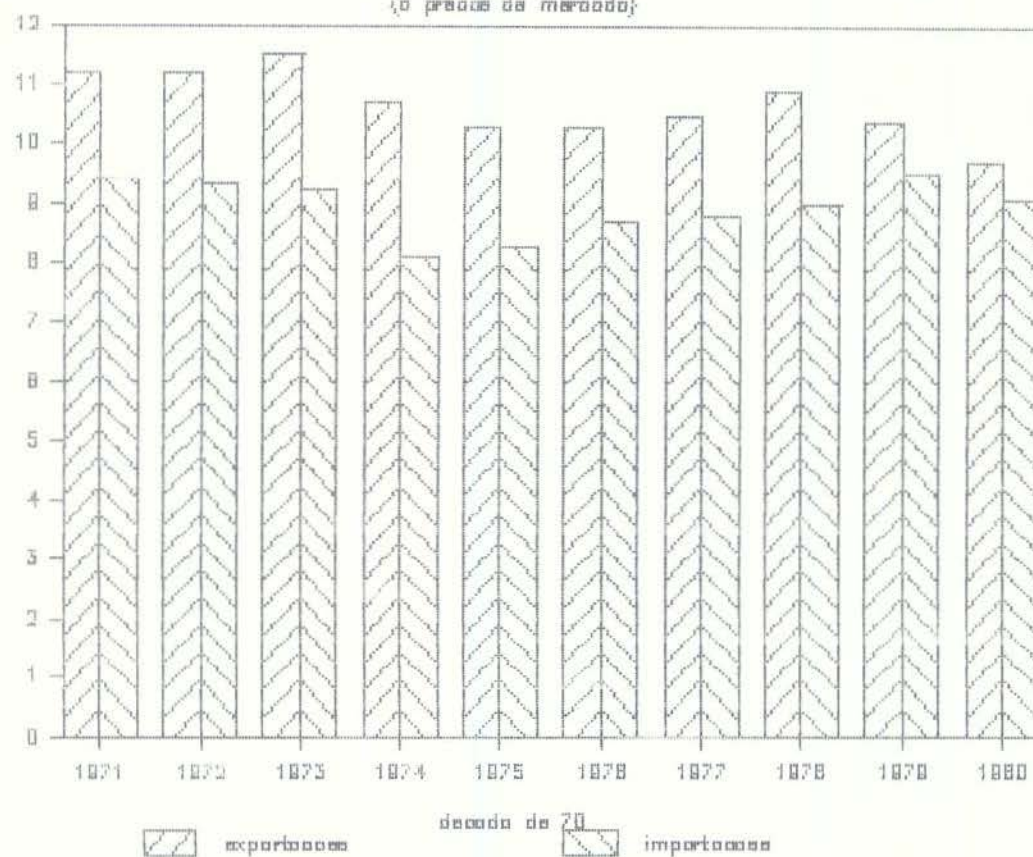


tabela 4: Exportacoes da Alemanha, por Produtos, em Bilhoes de Marcos,
Comparacao Entre os Anos 80 e 88

	veiculos	maquinas	quimica	eletroel	sider	texteis
.....						
1980 :	58,9 :	62,5 :	47,5 :	34 :	34,1 :	17,9
:	:	:	:	:	:	:
1988 :	114,9 :	100,5 :	81,4 :	59,8 :	42,8 :	29,4
:	:	:	:	:	:	:
variacao %:	95%:	60%:	71%:	76%:	25%:	63%

fonte: Bundesministerium fuer Wirtschaft, in Leistung in Zahlen 88.

tabela 5: Comparacao da Composicao Setorial do Valor da Producao
da Industria de Transformacao da Alemanha, Entre 88 e 80.

	1980	1988	variacao %
Processamento	52,38	45,61	-12,92
-Alimentos, madeira			
minerais n° metalicos	18,72	17,28	-7,69
-Papel e celulose,			
quimica e metalurgica	33,66	28,33	-15,83
Montagem	38,00	45,99	21,03
-Eletronica	10,62	12,52	17,89
.Maq. e equip. eletr.	9,25	11,19	20,89
.Instrum. de precisao	1,37	1,33	-2,92
-Outras	27,38	33,47	22,24
.Maq. e equip. n° elet.	11,14	12,52	12,33
.Mat. de transporte	11,04	14,65	32,67
.Automobilistica	9,66	13,25	37,10
.Outras	1,38	1,42	2,90
Tradicionais	5,36	4,71	-12,13
Ed. e Grafica	1,77	1,83	3,39
Outros	2,49	1,86	-25,30

fonte: OECD, apud Laplane

Tabela 7: Importações da Alemanha, Por Produtos, em Bilhões de Marcos
Comparação entre 80 e 88

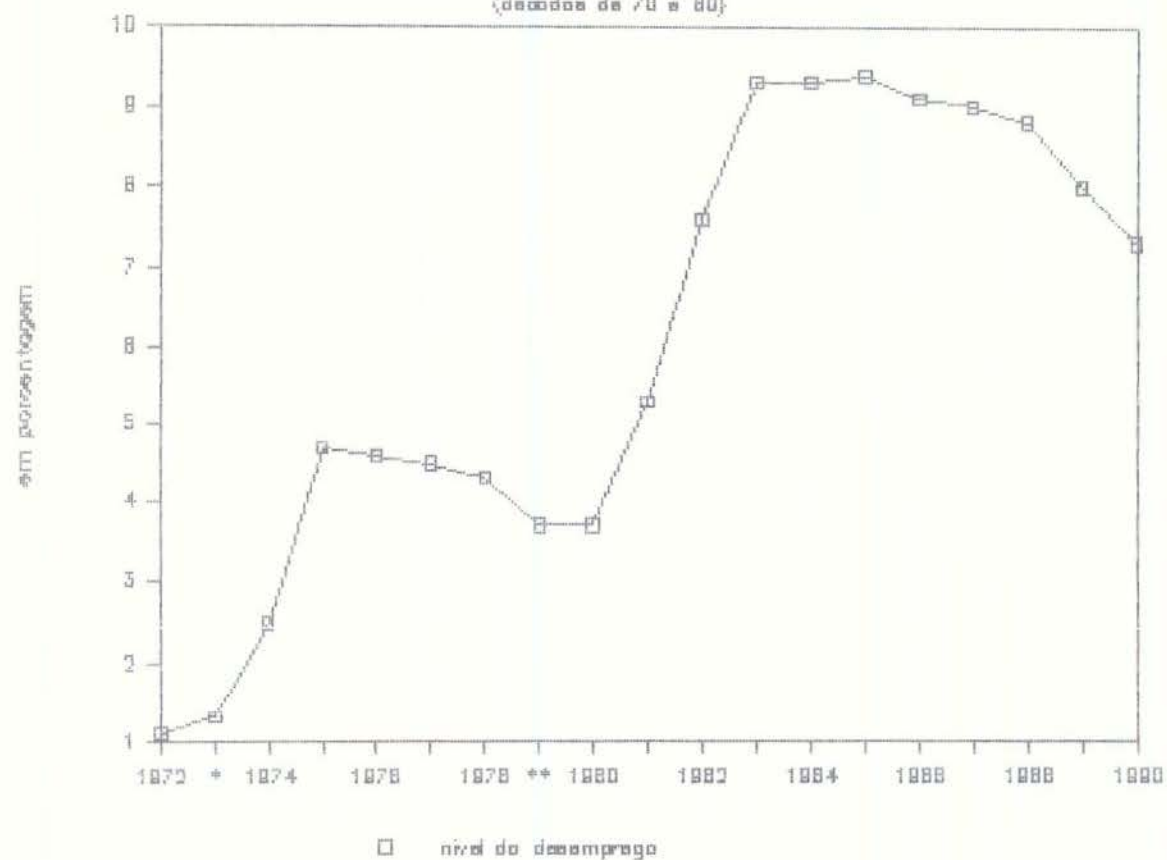
	:veiculos	:maquinas	:quimica	:eletroel	:texteis
.....					
1980,0 :	22,5 :	22,1 :	27,5 :	34,0 :	29,0
1988,0 :	47,1 :	42,6 :	47,6 :	59,8 :	41,6
variação %:	109%:	92%:	72%:	97%:	43%

fonte: Bundesministerium fuer Wirtschaft, in Leistung in Zahlen 88.

grafico:

grafico: Evolucao do Desemprego na RFA

(decadas de 70 e 80)



fonte: OCDE études Economiques, 1990/1991

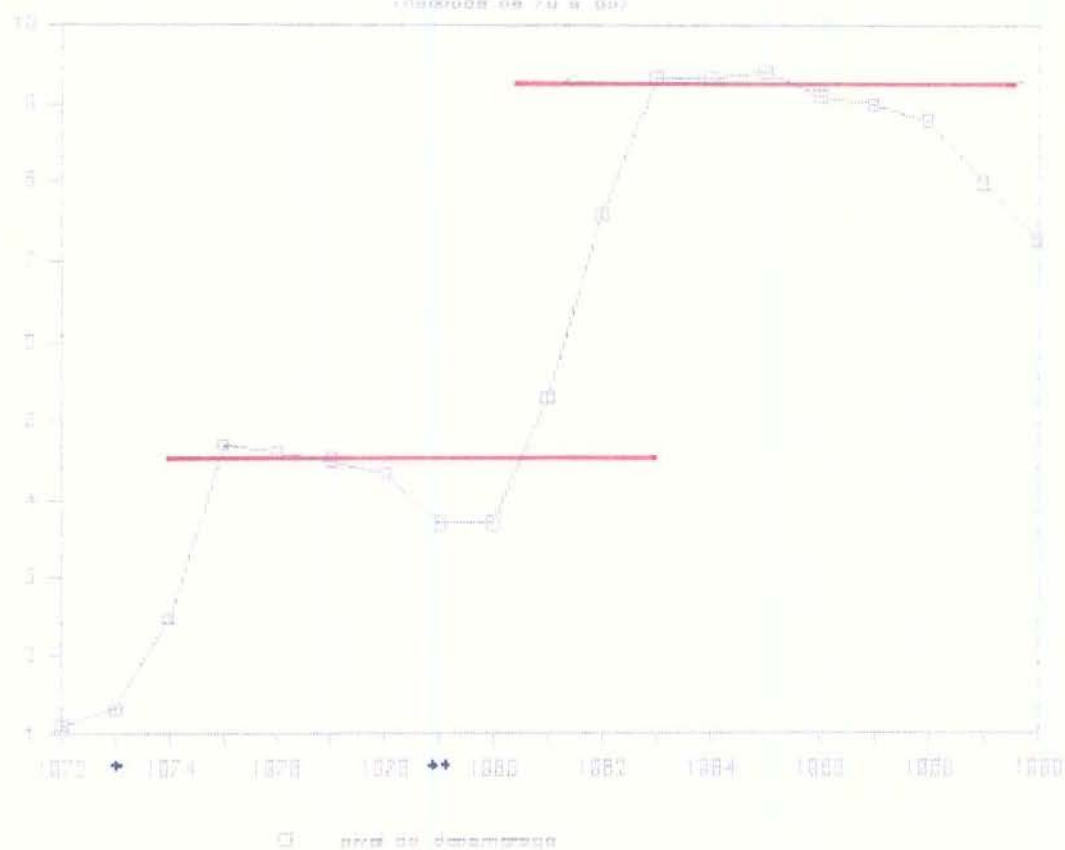
Tabela 1: Desempenho do PNB da RPA.

ano	Crescimento % Real do PNB
1972 :	4,2 %
1973 :	4,7 %
1974 :	2,2 %
1975 :	-1,4 %
1976 :	3,6 %
1977 :	2,7 %
1978 :	3,3 %
1979 :	4,6 %
1980 :	1,5 %
1981 :	0,0 %
1982 :	-1,0 %
1983 :	1,7 %
1984 :	3,3 %
1985 :	2,9 %
1986 :	2,3 %
1987 :	1,6 %
1988 :	2,7 %
1989 :	3,9 %
1990 :	4,6 %

Fontes: - International Financial Statistics -
International Monetary Fund.
jan/84, nov/88, jan/91.
- Data Economic Indicators - Historical
Statistics 1964-83, jul/84, jul/87, mar/91.

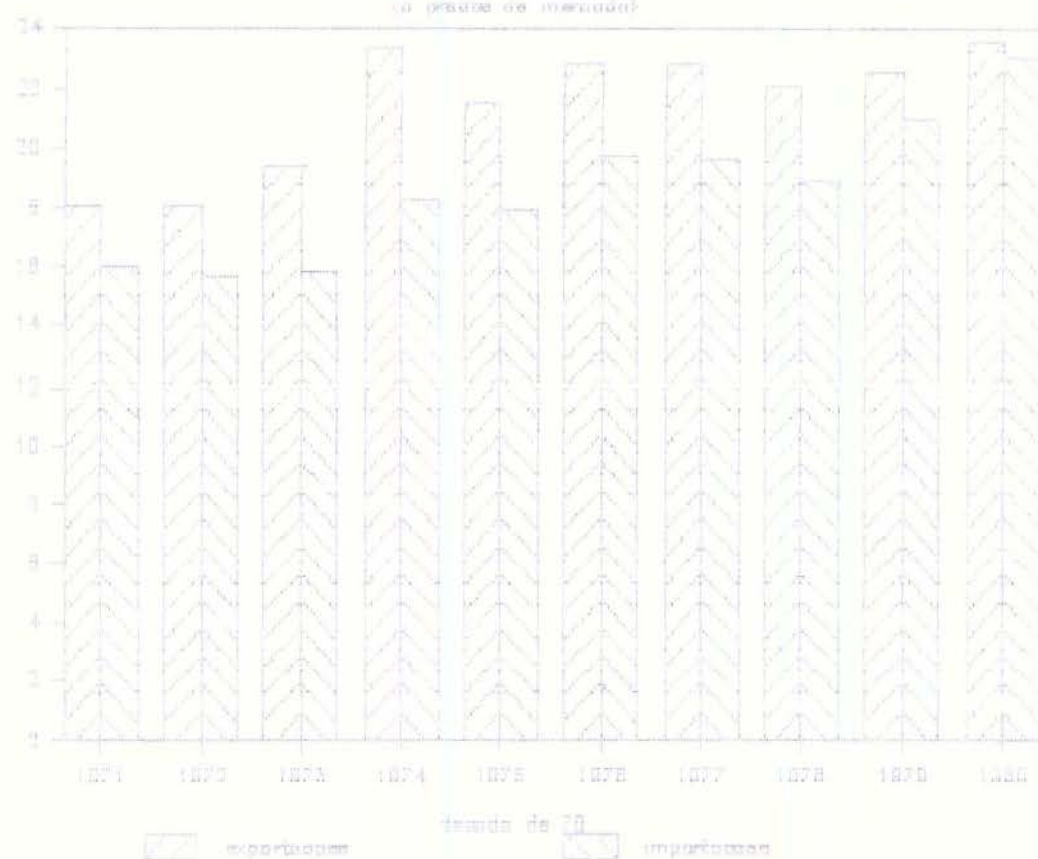
Evolução do Desemprego na RFA

(idades de 70 a 60)



Exportação/PNB e Importação/PNB na RFA

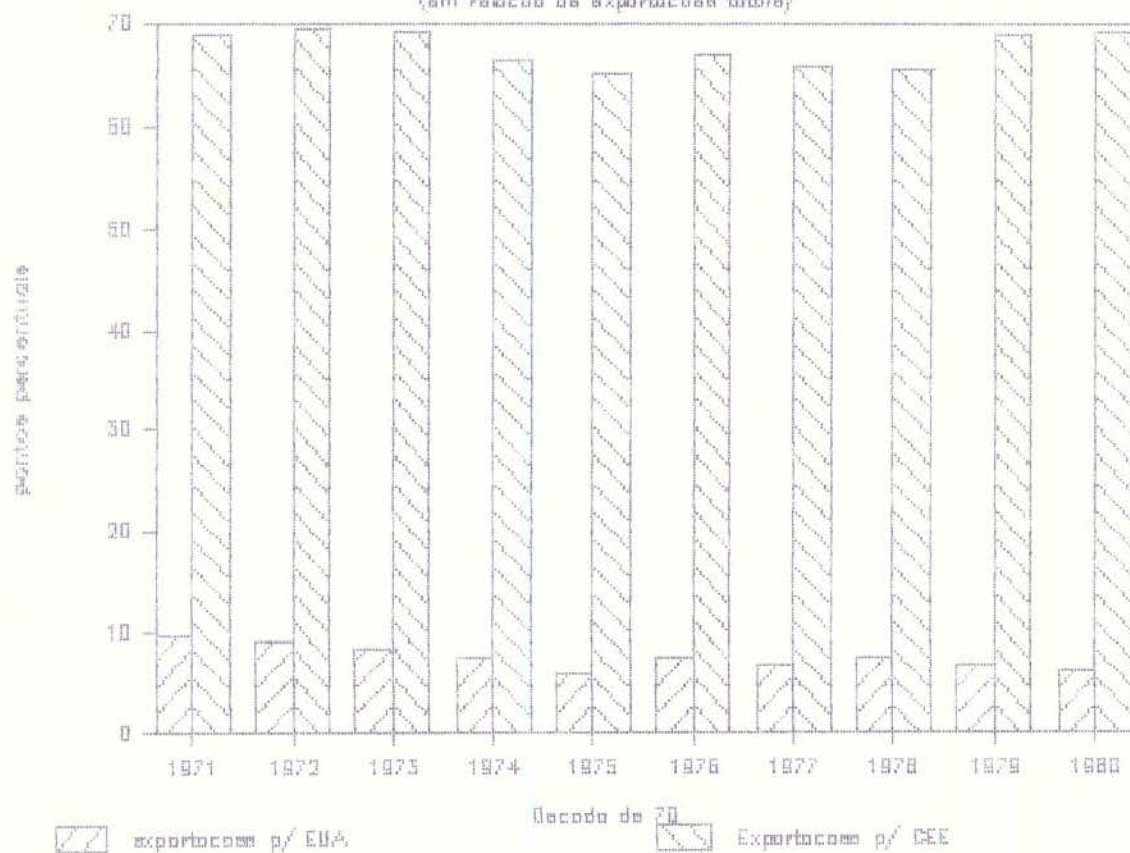
(a percentagem do produto)

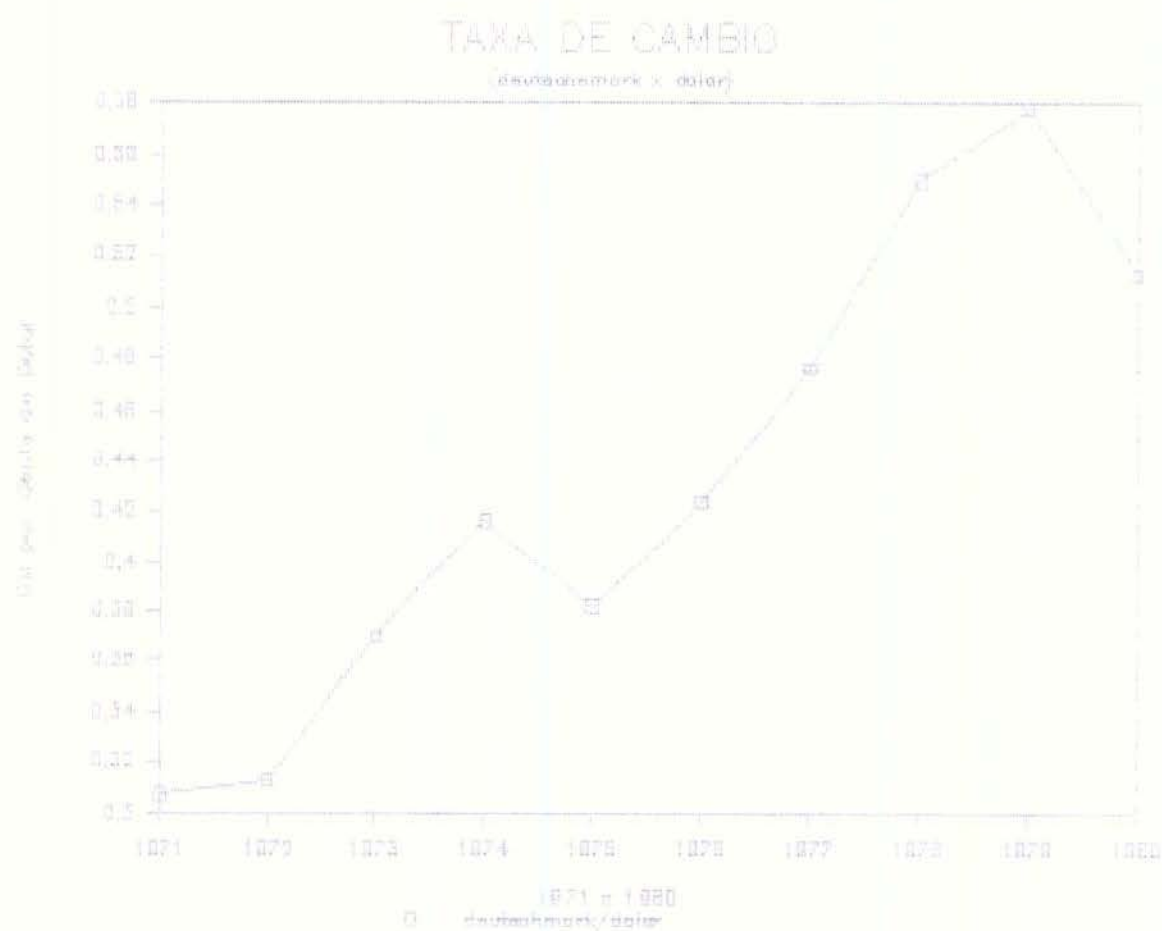


FILE : BACP 5

Participação das Exportações da RFA

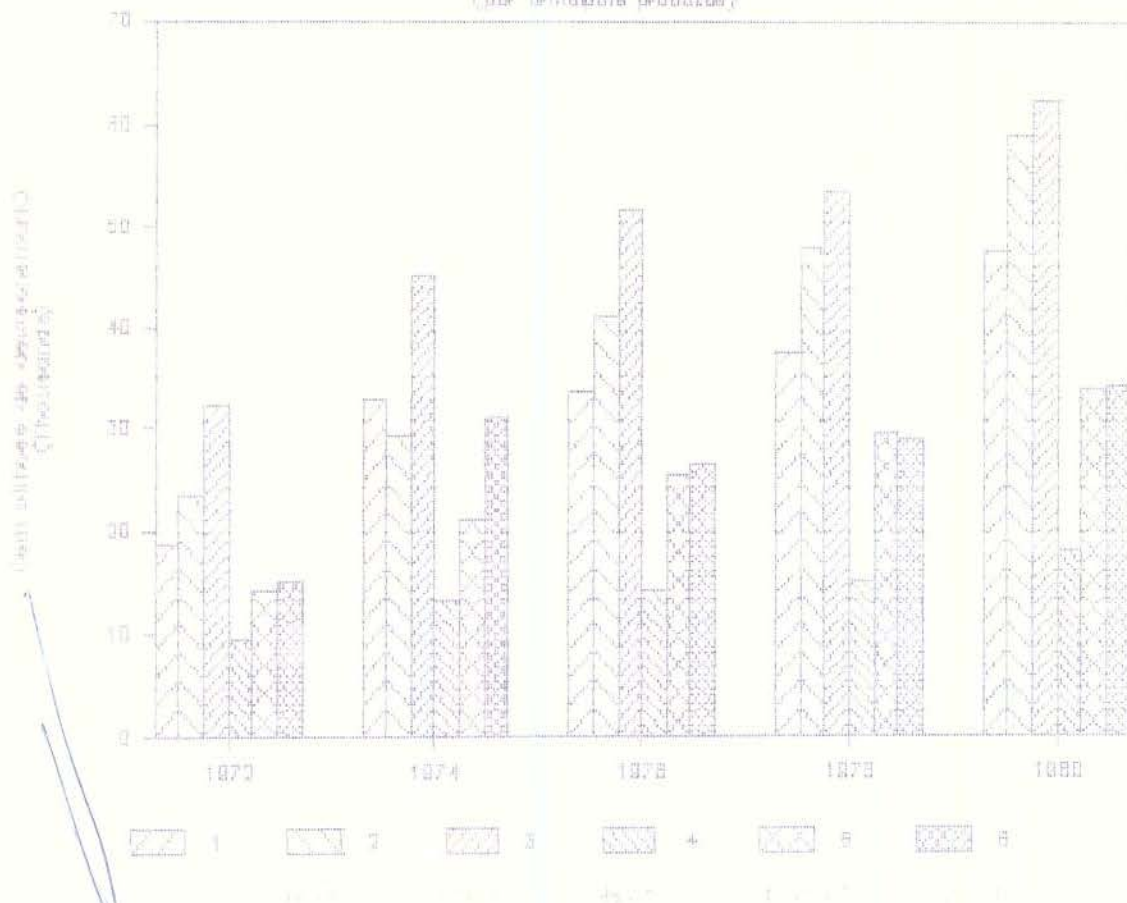
(em relação as exportações totais)





GRAF 5

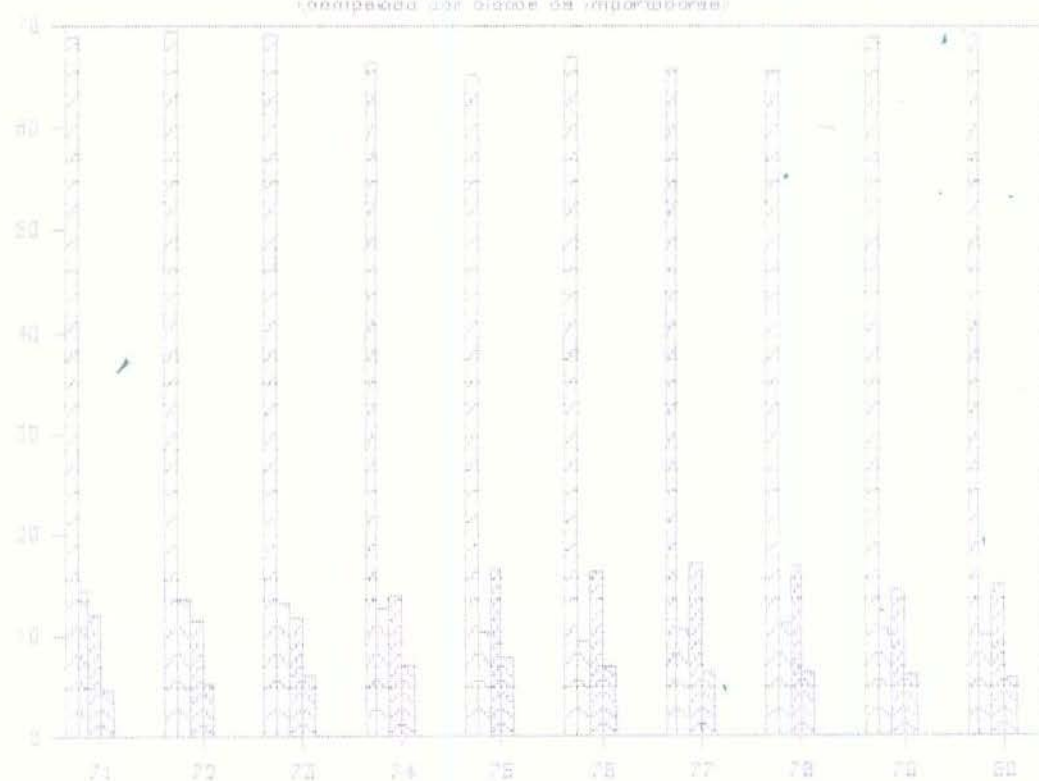
Composicao das Exportacoes da RFA (por categoria produtiva)



em 1972
fig. 100% / 121.
↓
afet. de +

Exportações do RFA

(acompanha por classe de importadores)



segundo a 78

Europa EUA Canadá OPEP Outros

TAXA DE CAMBIO

(deutsche mark x dólar)

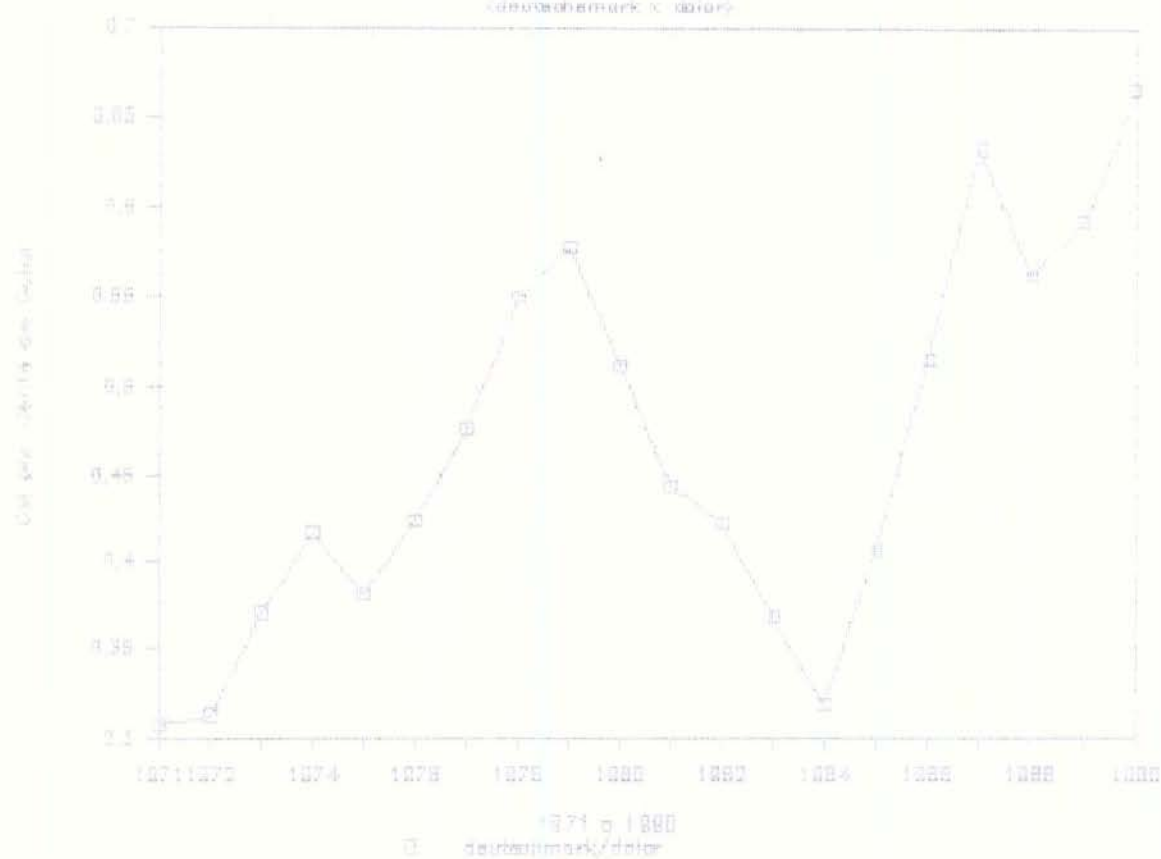


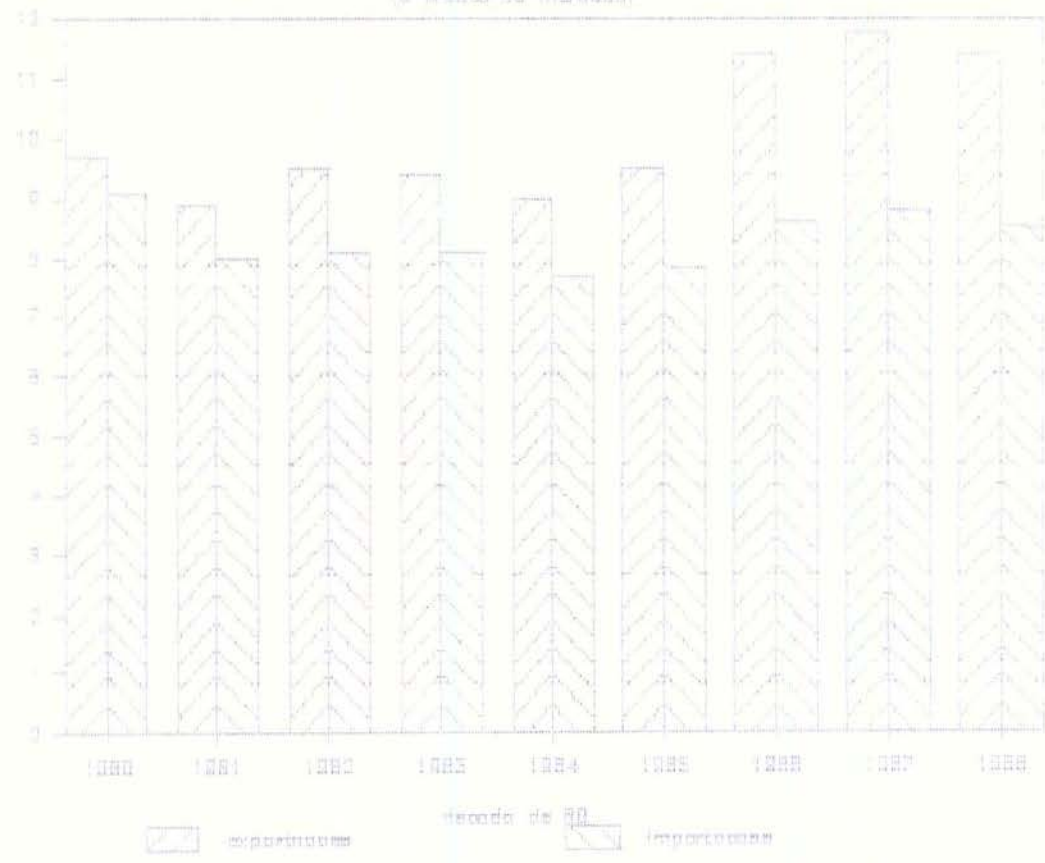
Gráfico 7

Tabela 2: Variação Real dos Indicadores na CFA, no Japão e no

	demandas doméstica	exportações	importações	PNB
1980 :	1,1	5,3	3,7	1,5
1981 :	-2,7	7,4	-1,2	0,8
1982 :	-2,0	3,9	-2,1	-1,2
1983 :	2,3	10,5	6,5	2,5
1984 :	2,0	9,0	5,3	2,3
1985 :	0,8	6,8	3,7	1,7
1986 :	3,3	10,0	3,3	2,1
1987 :	2,8	8,9	4,8	1,6
1988 :	3,7	5,7	5,8	3,7
1989 :	2,7	-11,5	6,8	3,9
1990 :	4,9	9,6	10,9	4,0

Fonte: OECD Economic Surveys, 1990/1991.

Participação da RFA no Comércio Mundial
(% sobre o mercado)



Índices de Preços do Comércio Exterior

República Federal da Alemanha

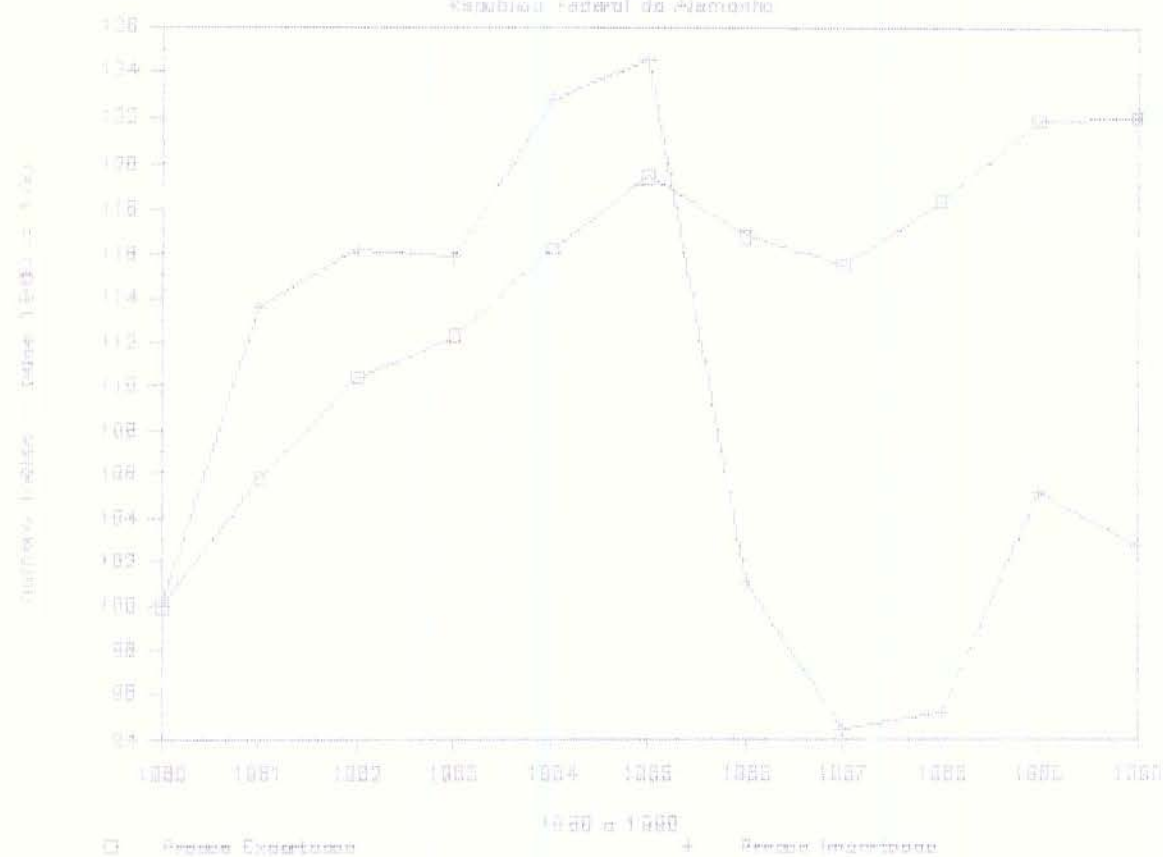


Tabela 3. Comércio Exterior da RFA, por Principais Regiões em Bilhões de DM.

4

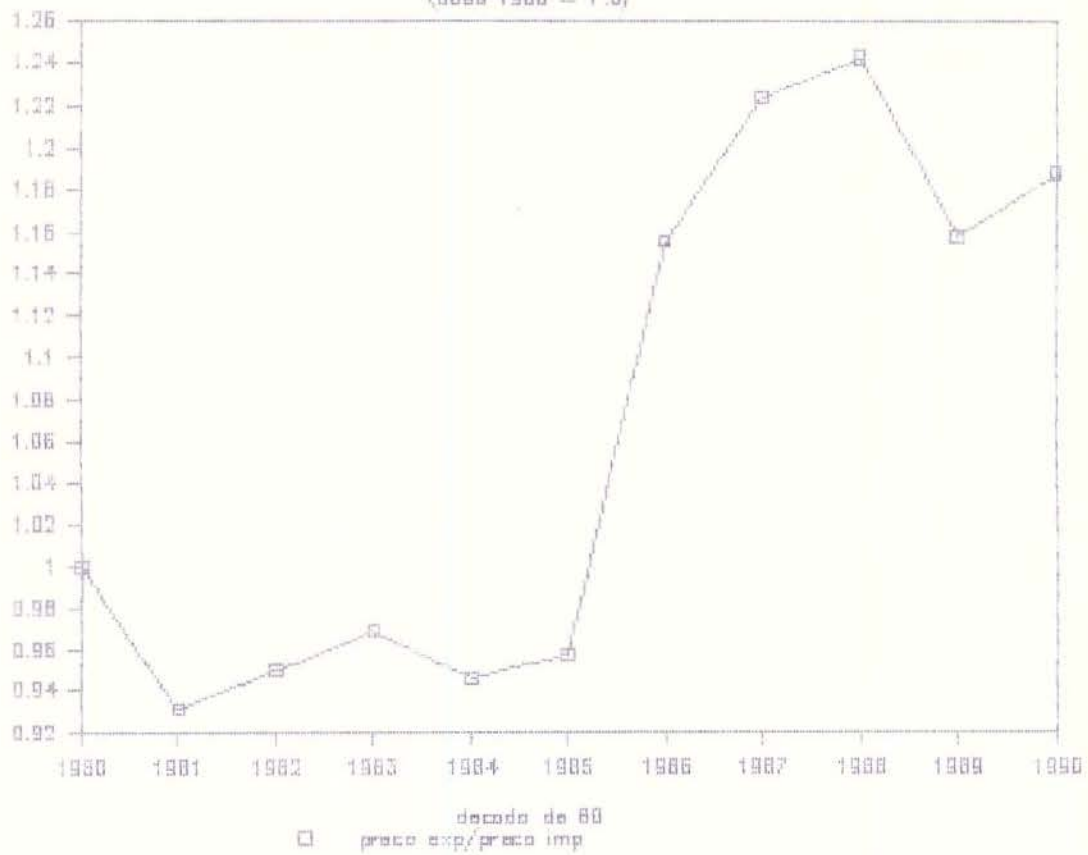
ano	OCDE		CEE		EUA		JAP	
	import	export	import	export	import	export	import	export
1980	248,8	267,6	165,7	179,1	25,9	21,4	37,4	22,8
1981	271,8	283,2	180,8	194,9	28,3	23,5	37,4	24,2
1982	279,8	321,5	187,6	216,8	28,2	28,1	38,8	38,8
1983	287,9	338,6	198,9	217,6	27,7	32,8	27,2	31,5
1984	338,1	383,1	217,2	243,6	31,8	46,8	27,2	27,9
1985	357,8	429,3	235,6	267,2	32,3	55,5	27,1	25,1
1986	331,1	432,7	216,8	267,4	26,8	55,2	13,1	17,9
1987	331,9	439,8	213,5	272,9	25,6	49,8	11,1	14,1
1988	355,1	475,1	227,3	308,1	29,8	45,6	18,8	15,4
1989	468,6	534,4	258,6	352,8	38,2	46,6	18,8	12,4
1990	443,5	534,9	286,5	358,2	36,9	46,8	18,1	13,1

Fonte: OECD Economic Surveys, 1990/1991.

questão 10

Variacao dos Termos de Troca

(base 1980 = 1.0)

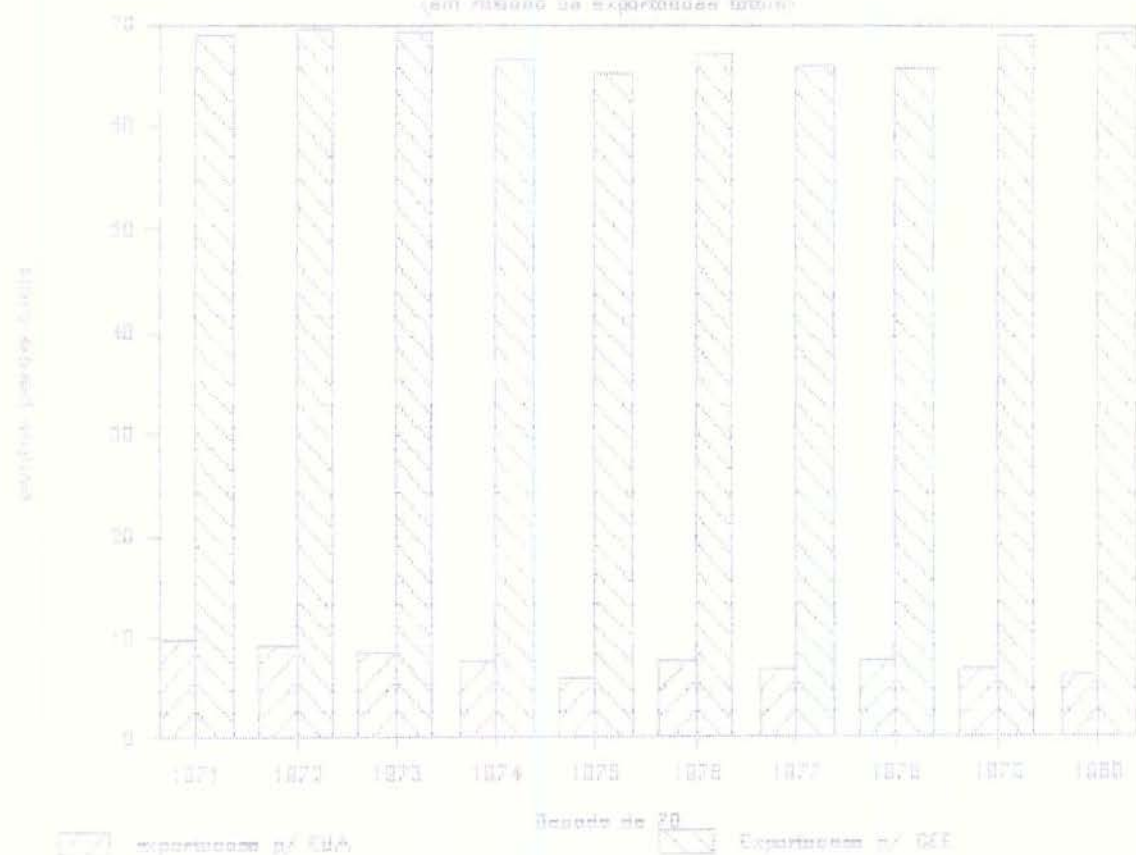


~~TAB. 11~~

GRAF 11

Participação das Exportações da RFA

(em milhões de export es totais)



Composicao das Exportacoes da RFA

(por principais produtos)

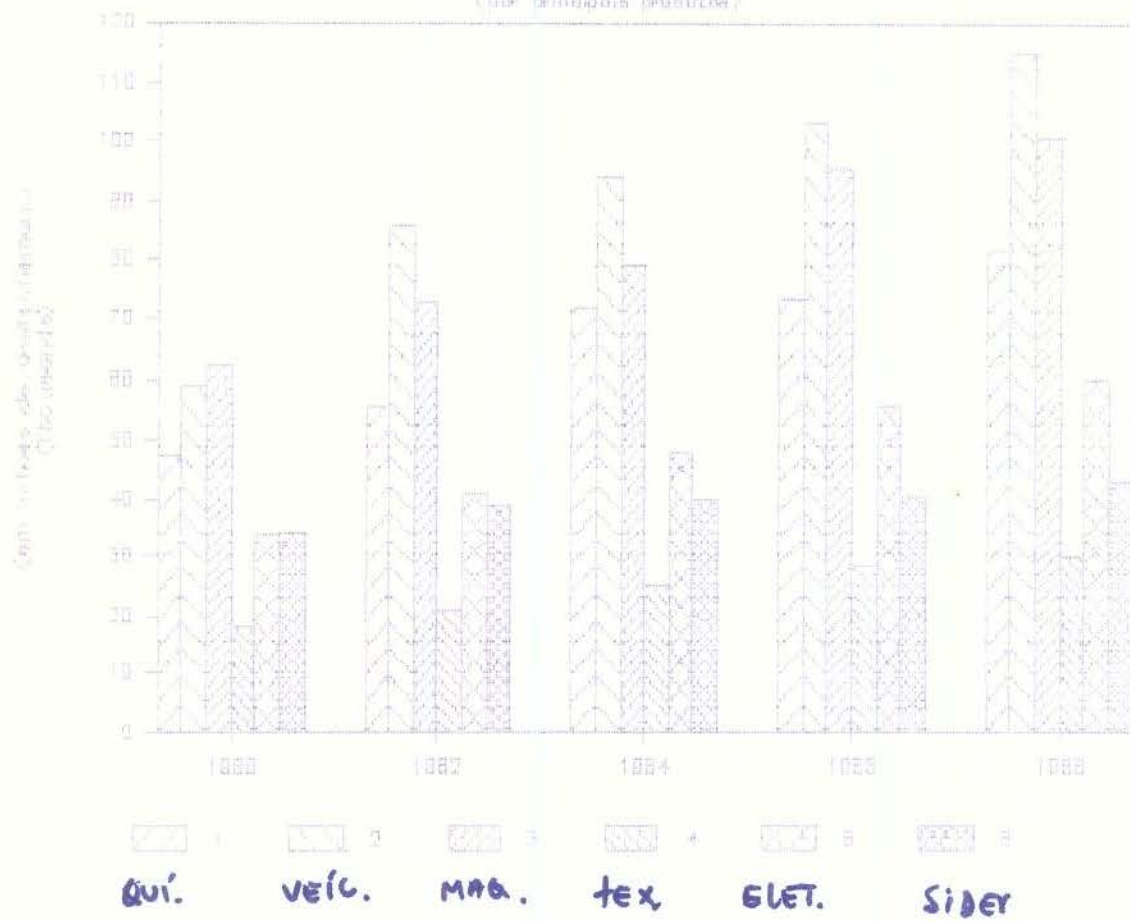
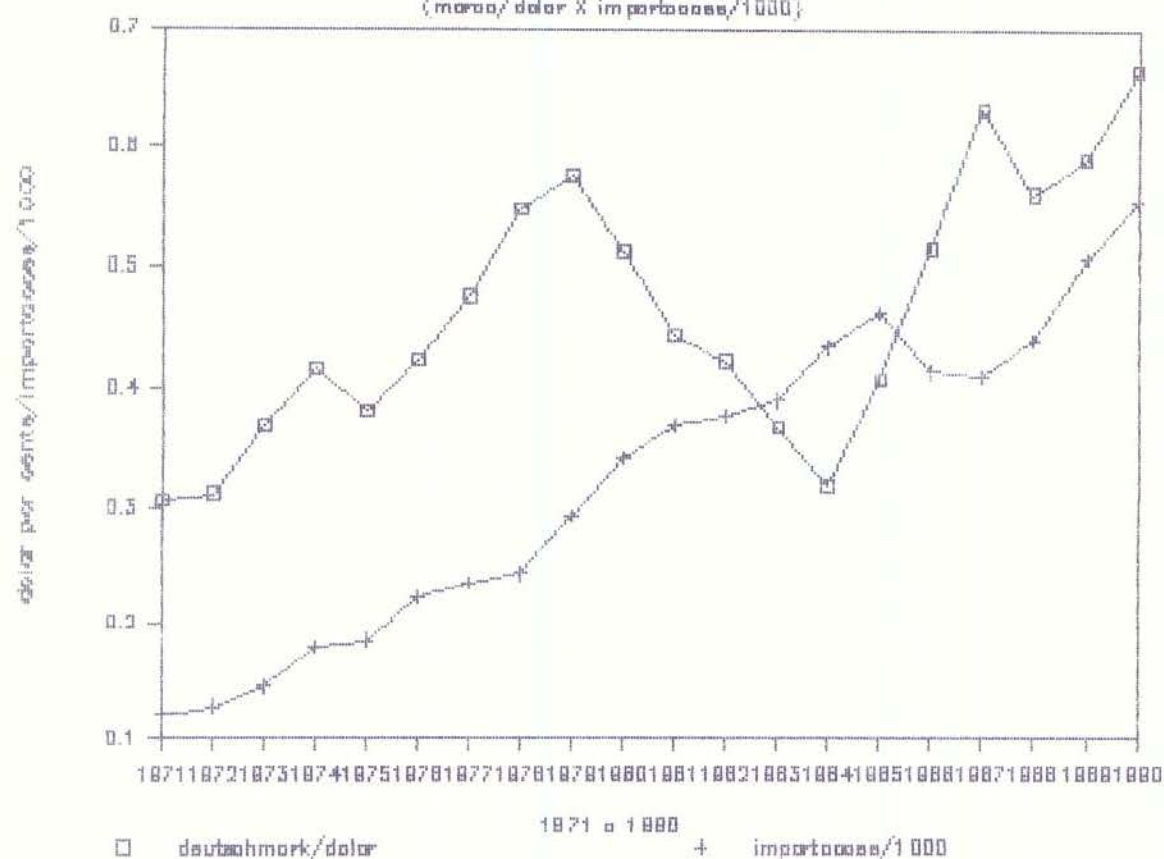


tabela 6: Importações e Exportações da RFA por Principais Países,
Em bilhões de Marcos, Comparação entre 80 e 88.

	Japao		EUA		EUROPA	
	:import	export	:import	export	:import	export
1980 :	10434	3960	: 25960	21478	: 248142	267666
1988 :	28366	13111	: 29095	45678	: 355215	475168
variação % :	271%	231%	12%	126%	43%	177%

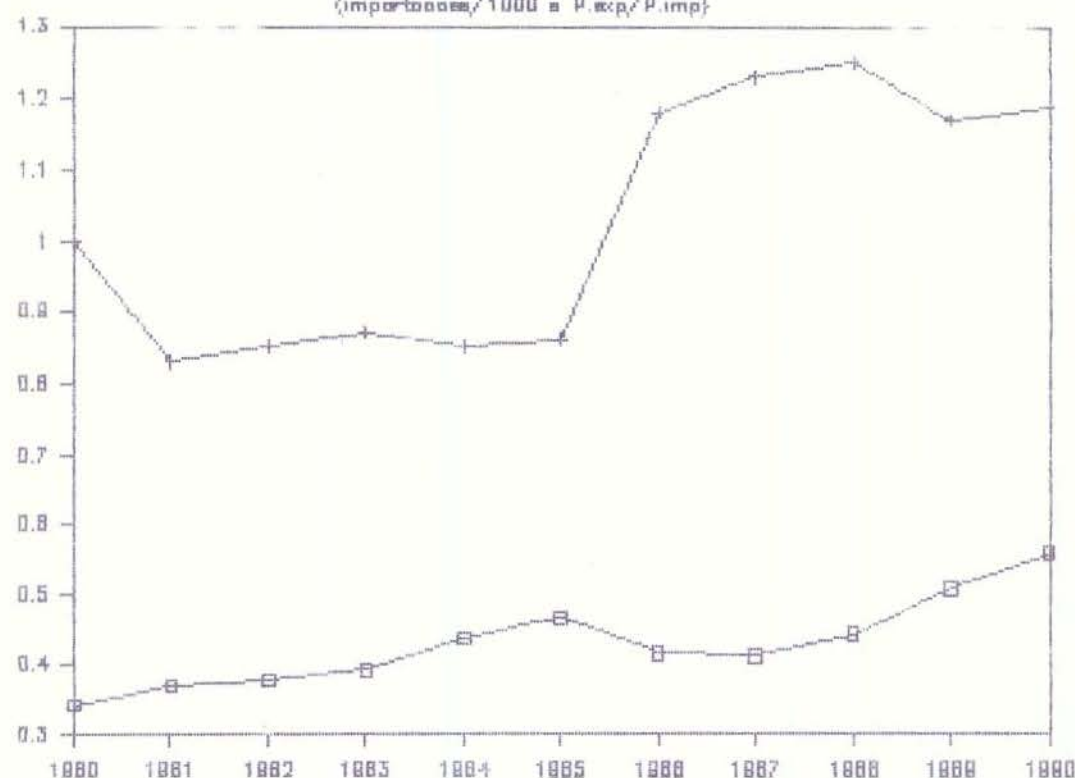
TAXA DE CAMBIO X IMPORTACOES

(marco/dolar x importacoes/1000)



Importações X Termos de Troca

$(\text{importações}/1000 = P_{\text{exp}}/P_{\text{imp}})$



□ importações/1000

dados de 80

+ termos de troca